

Jacques Le Goff: uma breve biografia, obras publicadas no Brasil e influência no Programa de Estudos Medievais da UFRJ

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
(PEM/IH/CNPq/UFRJ)
Leila Rodrigues da Silva
(PEM/IH/UFRJ)
pem@historia.ufrj.br
Recebido em: 25/08/2015
Aprovado em: 05/02/2016.

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo traçar algumas reflexões sobre a relevância do legado acadêmico de Jaques Le Goff. Neste sentido, primeiramente abordamos a trajetória do historiador, dando destaque à sua formação acadêmica e às atividades intelectuais que realizou. Também apresentamos reflexões sobre as obras de Le Goff publicadas no Brasil, que contribuíram para torná-lo, sem dúvidas, o mais conhecido medievalista no país, dentro e fora do ambiente acadêmico. Por fim, ressaltamos aspectos associados ao universo temático, às categorias analíticas, às fontes analisadas pelo pesquisador em suas reflexões e à sua trajetória, que, de um modo geral, têm influenciado o trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Estudos Medievais da UFRJ.

Palavras-chave: Jacques Le Goff – Medievalismo – Brasil

Abstract:

This article has as objective to trace some reflections on the relevance of Jacques Le Goff's academic legacy. In this sense, we firstly approached to the trajectory of the historian, giving emphasis on their education and intellectual activities. We also presented reflections on Le Goff's works published in Brazil, which contributed to make him, undoubtedly, the best-known medievalist in the country, inside and outside of the academic environment. Finally, we emphasized aspects associated with the thematic universe, the analytical categories, the sources analyzed by the researcher in his reflections and trajectory, which, in general, have influenced the work inside of the Programa de Estudos Medievais at UFRJ.

Keywords: Jacques Le Goff – Medievalism – Brazil

Introdução

Há alguns anos, elaboramos um texto sobre a trajetória acadêmica de Jacques Le Goff, com destaque para a sua produção bibliográfica, para compor o livro *Historiadores de nosso tempo*, publicado em 2010 (SILVA, SILVA, 2010, p. 135-152). No presente artigo, retomamos, ampliamos e revisamos as reflexões anteriormente realizadas e buscamos destacar a existência de relações entre a atuação do medievalista francês e as atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Estudos Medievais (Pem) da UFRJ.¹

Jacques Le Goff, falecido em 2014, continua a ser uma das principais referências dos estudos medievais desenvolvidos no Brasil. Ele é autor de diversos trabalhos, livros e artigos sobre temáticas específicas, biografias, verbetes, manuais escolares, obras de divulgação, prefácios, etc., vários ainda inéditos no Brasil.²

Durante a sua trajetória, Le Goff teve a oportunidade de refletir acerca da sua própria produção, por meio de entrevistas e comentários sobre os trabalhos que havia escrito, o que favorece a compreensão de suas opções.³ Com motivações diversas, estudou sobre variadas temáticas, como o purgatório, o riso, o tempo, o corpo, o trabalho, o maravilhoso, a cidade, entre outras.

Além de estudos específicos sobre as sociedades medievais, Le Goff também elaborou reflexões de caráter teórico-metodológico, tornando-se um dos principais pensadores da chamada terceira geração dos *Annales*, movimento historiográfico que exerceu, e ainda exerce, grande influência nas pesquisas históricas desenvolvidas em diversos países.

O presente artigo está dividido em três itens. No primeiro, tratamos da trajetória do autor, dando destaque à sua formação acadêmica e às atividades intelectuais que realizou. No segundo, apresentamos reflexões sobre as obras de Le Goff publicadas no Brasil. Consideramos fundamental manter e ampliar essa reflexão, já presente no texto de 2010, sobretudo porque, nos últimos anos, novas obras foram publicadas. No terceiro, ressaltamos aspectos associados ao universo temático, às categorias analíticas, às fontes analisadas pelo medievalista em suas reflexões e à sua trajetória, que, de um modo geral, têm influenciado o trabalho desenvolvido no âmbito do Pem.

1. Uma breve biografia de Jacques Le Goff:

Jacques Le Goff nasceu em Toulon, em 01 de janeiro de 1924. Seus pais eram professores. O autor viveu na cidade até o final da Segunda Guerra Mundial. Ali fez seus estudos iniciais, ocasião em que foi aluno de Henri Michel.⁴ Posteriormente, estudou em Marselha. Após ser convocado para o serviço de trabalho obrigatório pelos Governo de Vichy, uniu-se à resistência.

Com o fim da Guerra, estabeleceu-se em Paris. Ali cursou a *École Normale*, na qual iniciou sua carreira de historiador e obteve a licenciatura. Entre 1945 e 1958, com o foco no período medieval, complementou a sua formação dedicando-se a pesquisas em Praga, Oxford e Roma.

Le Goff iniciou suas atividades docentes na Universidade de Lille, em 1958. Em 1959, foi nomeado por Fernand Braudel para o seu primeiro cargo na *VI Seção da École Pratique des Hautes Études*. A partir de então, a trajetória de Le Goff não se desvinculou mais dessa instituição. Em 1969, dez anos, portanto, após sua nomeação para a *VI Seção*, o próprio Braudel designou-lhe, juntamente com Emmanuel Le Roy Ladurie e Marc Ferro, para a direção da revista *Annales. Histoire, Sciences Sociales*.⁵

Em 1972, foi eleito para a presidência da *VI Seção* com o apoio de Braudel que, impedido pela idade de permanecer no cargo, afastou-se oficialmente. Ele foi o terceiro presidente da *VI Seção da École Pratique des Hautes Études* (1972-1977), posto anteriormente ocupado por Lucien Febvre, criador da referida seção, e Braudel.⁶ Ele foi um dos principais atores no processo que garantiu maior autonomia à Escola em relação ao *Ministério da Educação Nacional*, que passou a ser designada, em 1975, como *École des Hautes Études en Sciences Sociales*. Le Goff se manteve vinculado à *École* como integrante do comitê de direção da revista.

O envolvimento de Le Goff com a *École* e com os *Annales* não se caracterizou apenas pelo seu percurso administrativo. Ao lado de autores como André Burguière, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby, Jacques Revel, Michel Vovelle e Philippe

Ariès, entre outros, é identificado, como já assinalado na introdução, como integrante da terceira geração dos *Annales*.

O medievalista, ao longo de sua trajetória, interagiu com diversas influências. Destacam-se, em primeiro lugar, o grupo ligado aos *Annales*: Marc Bloch, Le Febvre, Le Roy Ladurie, Braudel e Duby. As ideias de tais autores foram fundamentais para as suas formulações sobre a Idade Média.

Além destes, intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento contribuíram, de formas diferentes, para as reflexões elaboradas pelo historiador, tais como Walter Scott, que despertou o seu interesse pelo medievo; Michelet, que o auxiliou a pensar as relações entre a Europa Medieval e a Modernidade; Polany e Kula, valiosos em seus estudos sobre os mercadores; Geremek, que o estimulou a analisar os marginais, e Bakhtin, autor chave em suas formulações sobre o riso.

Le Goff atuou em diversos comitês e conselhos: *Comité National*; *Conseil Supérieur de la Recherche et de la technologie*; *Conseil Supérieur des Universités*; *Conseil Scientifique de l'Institut de recherche et d'histoire des textes*; *Conseil de la Fondation France-Pologne*, *Conseil de la Fondation Pour la Science*; *Conseil del Centre International de Synthèse*; *Conseil de l'Academia Europea* e *Conseil de l'Académie Polonaise des Sciences*. Também atuou como membro correspondente da *Medieval Academy of America* do *Jury de l'Institut Universitaire de France*; foi presidente do *Conseil Scientifique de l'Ecole Nationale du Patrimoine*; Codirector da *Revue Annales, Histoire, Sciences Sociales* e da revista italiana de divulgação acadêmica denominada *Storia e Dossier*. Seu compromisso com a divulgação científica também pode ser verificado na sua atuação, de 1968 até a véspera de sua morte, no programa radiofônico *Les Lundis de l'Histoire*, produzido pela *France Culture*, e na participação em diversos projetos audiovisuais.⁷

Por seu trabalho no campo da História, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* das universidades de Cracóvia, Louvaine, Jerusalém, Budapeste, Varsóvia, Bucareste, Cluj e Praga. Neste mesmo sentido, acumulou uma grande quantidade de prêmios, dentre os quais se destacam: Grande Prêmio Nacional de História (França); Prêmio Tevere (Roma); Grande Prêmio da Fondation de France; Médaille d'Or CNRS (França),

e Prêmio Dr. A. H. Heineken de História, atribuído pela Academia Real das Artes e Ciências dos Países Baixos.

O historiador francês publicou até o final de sua vida. Seus últimos trabalhos, portanto, datam de 2014. Tendo falecido no dia 1º de abril de 2014, em Paris, aos 90 anos de idade, Le Goff, como afirma Bernardo Vasconcelos e Sousa, em matéria publicada por ocasião da sua morte, juntamente com Georges Duby, “mudou de forma radical e muito profunda a maneira de ver a Idade Média ocidental”.⁸

2. Reflexões sobre obras de Jacques Le Goff publicadas no Brasil:

Seguindo a ordem de sua edição no original, identificamos a seguir as obras de Le Goff que foram traduzidas e publicadas no Brasil. Partimos do pressuposto que, por sua maior circulação, tais materiais foram os que, dentre os seus trabalhos, causaram um maior impacto no ensino e na pesquisa sobre o período medieval em nosso país e contribuíram para a construção de uma nova perspectiva sobre o medievo não só nos meios acadêmicos, mas também em outros ambientes.

Marchands et Banquiers du Moyen Âge, publicada em 1956 pela Presses Universitaires de France (PUF) na Coleção *Que sais-je?*, é a mais antiga obra de Le Goff. O livro, *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*, foi lançado no Brasil pela Martins Fontes em 1991. Como o título indica e o autor adverte, o estudo não é uma história do comércio no medievo, mas do mercador cristão. Le Goff não se interessa por todos os mercadores, mas por aqueles que denomina como homens de negócios, envolvidos nas atividades de câmbio e de comércio.

Tomando como ponto de partida o século XI, abordando a chamada revolução comercial, o autor acompanha o percurso dos mercadores e banqueiros até o século XV. A obra está dividida em quatro capítulos, que tratam de diversos aspectos dessa trajetória: condições de vida; papel social e econômico, relações com a Igreja e contribuições culturais.

Os Intelectuais na Idade Média, título em português de *Les intellectuelles au Moyen Age*, foi lançado em 1957, pela Éditions du Seuil. A obra recebeu, na edição de

novembro de 1984, um breve prefácio, visando à atualização de algumas poucas questões, já que, segundo a perspectiva do próprio autor, “o essencial da concepção do mundo escolar e universitário medieval”, apresentado na versão anterior, não fora superado (p. 7). Este trabalho foi publicado pela primeira vez no Brasil pela editora Brasiliense, em 1988.

A obra está dividida em três capítulos centrais que narram, de forma panorâmica, a experiência dos intelectuais, apresentados como os profissionais que, assim como outros que habitavam as cidades, viviam do seu trabalho. As reflexões se iniciam com o renascimento carolíngio, mas já no primeiro capítulo o autor enfoca o século XII. No segundo e no terceiro e último capítulos aborda o intelectual no ambiente urbano e universitário ocidental nos séculos XIII e XIV.

Lançada originariamente pela Arthaud em 1964, na coleção *Les grandes civilisations*, ou seja, há mais de 40 anos, *A Civilização do Ocidente Medieval* foi publicada no Brasil em 2005 pela Editora da Universidade Sagrado do Coração (Edusc). Trata-se de um manual de História Medieval, que se inicia com a crise do mundo romano, no século II, finalizando com as transformações do século XV, dividido em duas partes, com quatro capítulos na primeira e cinco na segunda.

Na primeira, o autor faz uma apresentação geral do período, seguindo uma divisão cronológica: século V ao VII; século VIII ao X; século XI ao XIII, e século XIV ao XV. Na segunda parte, após tratar, no capítulo “Gênese”, da Alta Idade Média, centra-se no estudo do que denomina como “o núcleo central da Idade Média” (p. 11), séculos XI ao XIII. Na obra são abordados os seguintes temas: estruturas espaciais e temporais, a vida material, a sociedade cristã e mentalidades, sensibilidades e atitudes. A seleção temática é justificada pelo autor com a afirmativa de que “tudo o que se apreende na história provém da mescla entre as realidades materiais e simbólicas” (p. 12).

As mentalidades, uma história ambígua é um texto escrito para a trilogia *História: novos problemas*; *História: novas abordagens* e *História: novos objetos*, dirigida pelo próprio Le Goff, em conjunto com Pierre Nora, publicada no Brasil pela Francisco Alves, em 1976. Os trabalhos reunidos nessa publicação configuram-se como uma síntese das propostas, então inovadoras, da terceira geração do Annales.

Na última das três partes, *Faire de l'histoire: Nouveaux objets*, originalmente editada pela Gallimard, em 1974, encontra-se o texto *Les mentalités: une histoire ambiguë*. O texto em questão revela um historiador dedicado não apenas ao estudo de seu recorte de tempo preferencial, o medieval, mas também um pesquisador comprometido com a construção de referenciais teóricos a serem utilizados em prol de uma “História total”.

Ainda que só tenha sido publicado no Brasil em 2013, data de 1977 a primeira edição de *Pour un autre Moyen Âge. Temps, travail et culture en Occident*, lançada em Paris pela Gallimard na coleção *Bibliothèque des Histoires*. A obra reúne 18 ensaios, que têm como eixos centrais as noções de tempo e trabalho, agrupados por quatro temáticas principais: Tempo e Trabalho; Trabalho e sistemas de valores; Cultura erudita e cultura popular, e Para uma Antropologia Histórica. Como o autor indica no Prefácio, realizou uma História Cultural, fundamentando-se na análise de distintas fontes (literárias, arqueológicas, artísticas, jurídicas, etc.); em uma perspectiva de História Total e de Longa duração; aplicando métodos etnológicos, e tomando como eixo a oposição entre cultura erudita e popular.

Reunindo ensaios publicados em diversos volumes da *Encyclopédia Einaudi*, de responsabilidade do editor Giulio Einaudi, entre 1977 e 1982, *História e Memória* foi lançado no Brasil pela Editora da Unicamp em 1994. Os textos têm como ponto central as relações entre a “história vivida” e a “História conhecimento”. Nesse sentido, o autor constrói uma história da História, traçando reflexões sobre as concepções e dinâmicas do tempo (Antigo/Moderno, Passado/Presente, Idades Míticas, Escatologia e Calendário); discutindo as transformações históricas (Progresso/Reação e Decadência), e refletindo acerca da memória e demais registros do e sobre o passado (Memória e Documento/Monumento).

Essa obra, já reeditada no Brasil, continua a ser uma leitura obrigatória nos cursos de Graduação em História, já que reúne uma série de discussões relacionadas ao fazer historiográfico bastante atual.

A *História Nova*, primeiro capítulo do livro com o mesmo título, *La Nouvelle Histoire*, foi editada pela Retz Cepl, em 1978. No Brasil, a obra foi publicada em 1989,

pela Martins Fontes. O livro, organizado por Le Goff, reúne dez capítulos escritos, entre outros, por Michel Vovelle, Philippe Ariès, Jean-Claude Schmitt e Guy Bois, que elaboram um panorama geral das principais posições defendidas no âmbito dos *Annales*.

No texto escrito por Le Goff, o autor opta por fazer um balanço do novo estatuto da História, à luz dos avanços promovidos pela reconhecida necessidade da interdisciplinaridade, da busca da História total, identificada com a “História que é toda social” (p. 28) e não apenas econômica e social, e da ampliação do conceito de documento histórico. Em suma, Le Goff aborda as principais questões apresentadas, segundo sua visão, aos *Annales* àquela ocasião.

O Apogeu da Cidade Medieval, editada pela Martins Fontes em 1989, veio a público originalmente pelas Éditions du Seuil, em 1980, com o título *L’apogée de la France urbaine médiévale*. O livro, organizado em seis capítulos centrais, com ênfase nas cidades da atual França, destaca o processo de crescimento urbano que ocorreu entre 1150 e 1340, momento em que uma tomada de consciência cidadina, a princípio física, por meio da construção de muralhas, pôde ser verificado.

Os laços que unem a cidade e o campo são lembrados, com realce para a influência recíproca existente entre os dois espaços. Além da função religiosa, com a presença das ordens mendicantes, o papel econômico, associado às feiras, aos mercados e ao comércio de um modo geral, e à posição política, vinculada diretamente à autoridade de um senhor local, regional ou do monarca e à simbiose, especialmente na França, entre feudalismo e cidade são sublinhadas. O autor trata ainda da organização da comunidade urbana sob a direção da burguesia, do movimento corporativo, dos grupos marginais, das atividades intelectuais e das manifestações culturais que se desenvolveram no interior das cidades.

Para a edição de 1983 de *Les rois thaumaturges* de Marc Bloch, editada pela Gallimard, Le Goff elaborou um prefácio, publicado na edição brasileira do livro, feita pela Companhia das Letras, em 1993. Nesse texto, são destacadas como contribuições para o estudo da realeza tanto referenciais acadêmicos como pessoais: as obras de Louis Gernet e Marcel Granet; a historiografia alemã; a experiência da primeira guerra mundial, e o relacionamento do historiador com seu irmão médico.

Ao tratar das opções que redundaram na redação da primeira grande obra de Bloch, Le Goff destaca os dois importantes temas da História dos *Annales*, a história total e a longa duração, bem como a preocupação com as origens, ou seja, “o começo cronológico do milagre régio” (p. 20); o uso da estatística e da História Comparada, e uma “atitude de antropólogo” (p. 22). O prefácio também aponta os limites da pesquisa, em especial no tocante à precisão dos conceitos e ao estudo da iconografia. Finalizando, é discutida a recepção da obra e a sua relevância como marco historiográfico na segunda metade do século XX.

A Bolsa e a Vida. Economia e Religião na Idade Média, publicada no Brasil em 1989, foi editada em 1986 pela Hachette, com o título original *La bourse et la vie. Économie et Religion au Moyen Âge*. Centrando-se no século XIII, o autor discute como “uma religião que opõe tradicionalmente Deus e o dinheiro podia justificar a riqueza, ou, pelo menos, a riqueza mal adquirida” (p. 9). Organizada em seis capítulos, a obra analisa o fenômeno medieval da usura e os discursos teológicos que visaram sanar os conflitos entre a condenação desta prática pela Igreja e a crescente expansão mercantil da Europa Ocidental. O autor também discute como nasceu, naquele contexto, a ideia de purgatório.

Os Limbos, artigo publicado originalmente também em 1986, no número 34 da *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, editada pela Gallimard, foi apresentado ao público brasileiro na *Signum. Revista da ABREM*, em 2003, cuja edição homenageou Le Goff. No texto, a geografia do Além, tema de reconhecido interesse do autor desde a publicação de *O Nascimento do Purgatório*, obra ainda não publicada no Brasil, é analisada.

Referenciando-se em textos medievais, o autor discute o processo que levou o Cristianismo, ao reforçar as concepções dualistas, a fomentar interpretações acerca dos lugares de espera entre a morte e a eternidade. Le Goff sublinha particularmente a complexidade da geografia instituída a partir do século XII. Nesse momento, além do Paraíso e do Inferno, foram introduzidos, o Purgatório e dois Limbos: o *limbus puerorum*, dedicado às crianças mortas sem batismo, e o *limbus patriarcharum*, destinado aos santos retirados do Inferno por Cristo.

São Luís, publicado pela editora Record, em 2002, foi lançado originalmente em 1996, sob o título *Saint Louis*, pela Gallimard. Esta volumosa obra é, certamente, uma das maiores contribuições à historiografia feitas por Le Goff. Nela, o autor se dedica à elaboração de uma detalhada análise biográfica do referido monarca.

O trabalho, resultado, segundo o próprio autor indica, de uma década e meia de pesquisa, reúne três grandes capítulos, que abordam, respectivamente, o contexto e a inserção de São Luís no século XIII, o processo de produção dos escritos dedicados ao rei pelos que viveram em sua época e, por fim, conforme define o medievalista, “um caminhar para dentro da personagem São Luís” (p.29), o que significa, sobretudo, a análise das perspectivas que garantiram a São Luís se tornar um rei único.

Além da construção que garante a reflexão sobre as principais questões que marcaram os séculos centrais do período medieval, em particular o século XIII, e o entorno do próprio São Luís, a obra retoma e aprofunda problemas fundamentais acerca da narrativa biográfica. *São Luís* é, inegavelmente, uma biografia renovada. Para a sua construção, o autor se utilizou de um *corpus* documental extenso e diversificado, devidamente identificado ao final do livro, ao que se segue uma vasta bibliografia.

Lançada em 1996 e relançada em 2007, pelas Editions du Seuil, *L'Europe expliqueé aux jeunes* foi publicada no Brasil como *Uma breve história da Europa*, pela editora Vozes, em 2008. Como os títulos em francês e em português indicam, é um trabalho de divulgação. Subdividido em dezenas de curtíssimos capítulos, o texto explora, em linguagem didática, o tema das origens da Europa, com ênfase no período medieval, momento em que sua identidade cultural teria se constituído. Na obra, o autor também realiza um balanço da inserção da Europa no contexto contemporâneo.

*Uma vida para a história. Conversações com Marc Heurgon*⁹ foi publicada pela Editora da Unesp, em 1998. A obra, estruturada em formato de entrevista, traz dados e reflexões de Le Goff sobre a sua trajetória, desde suas origens familiares até 1996, momento em que o material foi originariamente publicado pelas Éditions La Découverte, com o título *Une vie pour l'histoire. Entretiens avec Marc Heurgon*.

O livro está estruturado em nove capítulos, que enfocam as diferentes etapas da vida do historiador: sua juventude, sua formação intelectual, o período pós-guerra, seus mestres e inspiradores, a primeira fase na *École des Hautes Études* (1960 a 1972), o período de presidência da *École* (1972-1977), a Nova História e suas atividades em

campos além da produção historiográfica.¹⁰ A obra finaliza com uma reflexão sobre a então recém lançada biografia sobre São Luís, que o autor classifica como “meu presente”, mas não “meu ponto final” (p. 265).

Por Amor das Cidades. Conversações com Jean Lebrun, publicado em 1998 pela Editora da Unesp é, como sugere o subtítulo da obra, a edição de entrevistas a Le Goff realizadas pelo jornalista. Publicada com o título *Pour l’amour des villes*, em 1997, sob a responsabilidade da editora Textuel, a obra se divide em seis capítulos, nos quais estão incluídas a introdução e a conclusão.

A combinação entre a larga utilização de imagens, com destaque para a reprodução colorida de iconografias medievais, e o texto leve, que recorrentemente busca a comparação entre os fenômenos urbanos medieval e contemporâneo, resulta em um trabalho que atende prioritariamente a função de divulgação. Temas como o poder, a marginalidade, a assistência, a produção intelectual e a atividade religiosa, entre outros, são tratados.

O riso na Idade Média é um dos capítulos que compõe a coletânea *Uma história cultural do humor*, organizada por Bremmer e Roodenburg, publicada pela Record em 2000. Essa obra foi editada originariamente em 1997 pela Polity Press, com o título *A Cultural History of humour*. Trata-se das atas de um evento realizado em Amsterdã em 1994, no qual participaram, dentre outros, Aaron Gurevich, Peter Burke, Derek Brewer e Henk Driessen.

Em seu texto, o historiador francês, partindo do pressuposto que o riso é um fenômeno cultural e social e, portanto, histórico, reflete sobre “os problemas que surgem quando se constrói a história do riso no Ocidente Medieval” (p. 66), tais como a conceituação de riso e a questão da natureza e disponibilidade de fontes para o estudo do fenômeno.

As raízes medievais da intolerância é um pequeno texto, que compõe a obra *L'intolerance*, dirigida por Françoise Barret-Ducrocq, com a participação de vários intelectuais, entre os quais, Umberto Eco, Bronislaw Geremek, Michelle Perrot e René Remond, a propósito do debate organizado pela Academia Universal de Culturas, em 1997, sobre a intolerância. Editado em 2000 pela Bertrand Brasil, o texto, com apenas

quatro páginas, destaca a presença do fenômeno no período medieval, a despeito da inexistência, até o século XVI, da noção de tolerância/intolerância.

Nesse sentido, Le Goff sublinha o papel da Igreja, especialmente entre os séculos XI e XIV, como a responsável pela constituição de uma “sociedade da perseguição”. Judeus, muçulmanos, heréticos e leprosos teriam sido as principais vítimas de um projeto que visava eliminar as diferenças. Ao encerrar, Le Goff identifica no século XV a culminância do processo, com o estabelecimento do “moderno sistema de intolerância, de exclusão e de perseguição” (p. 41).

O *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, publicado originalmente sob o título *Dictionnaire raisonné de l'Occident medieval*, em 1999, pela Librairie Arthème Fayard, chegou ao público brasileiro pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (Edusc) e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 2002. A tradução desta obra de referência, ainda imprescindível, foi realizada sob a coordenação do medievalista brasileiro Hilário Franco Jr.

O dicionário, dividido em dois volumes, reúne oitenta e dois verbetes e sessenta e oito especialistas no período medieval. Os organizadores lembram, entretanto, que tais autores não se vinculam a uma “escola”; antes, relacionam-se à “diversidade de sensibilidades, abordagens e aptidões” (p. 15). O próprio Le Goff inaugura o dicionário com o verbete *Além* e é responsável por mais sete textos: “Centro/periferia”, “Cidade”, “Maravilhoso”, “Rei”, “Sonhos”, “Tempo”, e “Trabalho”, todos relacionados a temas sobre os quais já desenvolveu pesquisa.

São Francisco de Assis, lançado pela Record, em 2001, foi publicado originariamente na França, em 1999, pela Gallimard, com o título *Saint François d'Assise*. O volume reúne quatro textos, escritos por Le Goff entre 1967 e 1981, que têm como tema central Francisco de Assis e o franciscanismo no século XIII.

O primeiro já havia sido publicado no Brasil em 1981, em um número da revista *Concilium* dedicado ao santo de Assis. Nele é apresentado o contexto em que viveu Francisco, caracterizado por renovações e “fardos do mundo feudal”. O segundo, que o autor classifica como o texto principal, é uma biografia de Francisco de Assis, mas que

também trata da crítica sobre os escritos do santo e as primeiras hagiografias que lhe foram dedicadas. O terceiro é um estudo do léxico referente às categorias sociais presente nos escritos franciscanos. No quarto, Le Goff aborda a influência do franciscanismo nos modelos culturais do século XIII.

Em Busca da Idade Média, escrita com a colaboração de Jean-Maurice de Montremy, foi publicada pela Civilização Brasileira em 2005. Produzida como resultado de uma série de entrevistas, realizadas durante o ano de 2002, foi lançada na França no ano seguinte, pelas Editions Louis Audibert, com o título *A la recherche du Moyen Age*.

O texto, que foi revisto pelo próprio Le Goff, está organizado em cinco capítulos, além do prólogo e do epílogo. Na obra, o medievalista apresenta uma síntese dos seus trabalhos, sublinhando aspectos de sua trajetória acadêmica, com ênfase em formulações como “longa Idade Média” e em temas como tempo, purgatório, Cristandade, entre outros. No epílogo, inclui um depoimento apaixonado acerca do papel do historiador, da importância das fontes, da busca de uma História verdadeira e da necessária interlocução com o presente.

Uma História do Corpo, editado no Brasil pela Civilização Brasileira, em 2006, foi escrito por Le Goff em coautoria com o jornalista Nicolas Truong. A obra foi publicada originariamente em 2003, pelas Éditions Liana Levi, sob o título *Une histoire du corps au Moyen Age*. Fiel a uma das tendências propostas pelos *Annales*, o material realça a importância do corpo como objeto de estudos para a compreensão da história da sociedade medieval ocidental.

A partir da dicotomia corpo e alma, o corpo, como expressão de contradições, é analisado em quatro capítulos, considerando, por um lado, as restrições que lhe foram impostas pelo Cristianismo e, por outro, sua glorificação, expressa nas mortificações que conduzem à salvação. Sexualidade, repressão, pecado, subordinação da mulher, doença, nascimento e morte são alguns dos aspectos abordados tendo como referência a análise do corpo e a apreensão que dele tinham os medievais. O último capítulo sublinha, ainda, a possibilidade do corpo como metáfora das relações de poder instituídas no seio da sociedade medieval.

A mais bela história de amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI foi publicada pela Difel em 2003, no mesmo ano de sua edição francesa, *La plus belle histoire de l'amour*, pelas Éditions du Seuil. Nessa obra, Dominique Simonnet¹¹ reúne entrevistas realizadas com vários historiadores, como Paul Veyne, Alain Corbin e Alice Ferney, especialistas em diferentes períodos históricos, sobre os temas amor, casamento e sexualidade no decorrer da História.

No capítulo *A Idade Média: e a carne se torna pecado* é apresentada a entrevista realizada com Le Goff. Nela, são discutidos os ideais de castidade, a cristianização do casamento e o que o medievalista considera uma reação aos primeiros, o amor cortês. O autor defende que, no tocante ao amor e à sexualidade, a “Idade Média produziu liberdades e opressões” (p. 69).

Publicada originariamente em 2003, pela Bayard, *Le Dieu du Moyen Âge* veio a público no Brasil em 2007, pela Civilização Brasileira, com o título *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*.¹² Organizada em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão, o livro, estruturado em forma de perguntas e respostas, tem como objetivo central discutir como os medievais imaginavam e se relacionavam com Deus.

Suas reflexões se fundamentam na concepção de que há uma história de Deus, pois as visões sobre Deus são mutáveis. Assim, dedica-se a refletir sobre a construção do Deus cristão, da Trindade, do Espírito Santo e da Virgem e sobre a relação entre as crenças em Deus e a organização social e a produção cultural no medievo. O autor conclui a sua obra destacando que, durante a Idade Média, o monoteísmo triunfou, em suas versões cristã-católica e ortodoxa, muçulmana e judaica. Le Goff lembra, por fim, que esse êxito não impediu os conflitos entre as três religiões monoteístas.

Heróis e Maravilhas da Idade Média, publicado no Brasil em 2009, foi originalmente produzido pelas Éditions du Seuil, em 2005. Nesta obra, Le Goff explora elementos do imaginário medieval, tendo como referência o fato de que os medievais teriam ignorado as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. Heróis medievais, sejam os que deixaram vestígios históricos, como Carlos Magno, ou lendários, como Artur, Robin Hood, Melusine, dentre vários outros, são apresentados. Personagens como o

cavaleiro e o trovador e animais como a raposa ou o legendário unicórnio são igualmente lembrados. O autor ainda explora, como elementos daquele imaginário, construções como a catedral, o castelo e o claustro, observados na relação estreita que mantêm com a sociedade medieval.

O livro *As Raízes medievais da Europa* veio a público no Brasil, pela Vozes, em 2007. A obra, cujo título original é *L'Europe est-elle née au Moyen Age?*, é um dos volumes da coleção *Faire l'Europe*, que foi dirigida por Jacques Le Goff e lançada simultaneamente por cinco editores em 2003: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Alemanha); Blackwell Publishers (Inglaterra); Crítica (Barcelona); Gius, Laterza & Figli (Itália), e Éditions du Seuil (França).

Neste livro, o medievalista defende a ideia de que “a Idade Média é a época do aparecimento e da gênese da Europa como realidade e representação” (p. 11). Iniciando com o capítulo “Prelúdios”, no qual trata da geografia e da herança antiga, o autor, nos seis capítulos seguintes, acompanhando a cronologia, apresenta diversos aspectos da sociedade cristã medieval, que denomina como fatos históricos e fenômenos da mentalidade (p. 14), abarcando o período do século IV ao XV.

O valor da paz no Ocidente medieval é um dos capítulos da obra coletiva *Imaginar a paz*, lançada no Brasil pela UNESCO e pela editora Paulus, em 2006. O livro é resultado de um fórum internacional, organizado pela Academia Universal das Culturas para discutir aspectos relacionados à paz, em 2002, em Paris. O evento contou com a participação de renomados intelectuais, entre os quais Elie Wiesel, Paul Ricoeur, Bronislaw Geremek e François Gros. Várias das palestras e conferências apresentadas durante a atividade foram reunidas e publicadas pela Unesco, em obra intitulada *Imaginer la paix*, em 2003.

No pequeno texto de seis páginas, Le Goff destaca a importância da paz para a Europa medieval e sua relação com a “Paz de Deus”. Nesse sentido, lembra o quão foi valorizada, mesmo pelos guerreiros que deveriam, conforme orientação de Luís IX, o já citado São Luís, esgotar todos os meios pacíficos, antes de se decidirem pela guerra. O autor ressalta ainda o papel ocupado pelo tema entre personagens do período, como Agostinho, Bernardo de Claraval, Francisco de Assis e Nicolau de Cusa.

A Idade Média explicada aos meus filhos foi publicada pela editora Agir em 2007, como um dos volumes que compõe a coleção *Explicado aos meus filhos*. Elaborada com o auxílio de Jean-Luis Schlegel,¹³ foi originariamente editada na França em 2006, pelas Éditions du Seuil, com o título *Le Moyen Âge expliqué aux enfants*. Voltada para o público infanto-juvenil, a obra se divide em oito capítulos, que tratam de diversos aspectos da História Medieval. Neste sentido, há reflexões sobre o termo Idade Média e a sua duração cronológica, os tipos sociais, a religião, a cultura, o imaginário, dentre outros temas, seguidos de uma conclusão e uma pequena cronologia.

O livro foi estruturado no formato de breves perguntas e respostas. Nesse sentido, as diferentes temáticas são abordadas de forma sintética e em tom descritivo, concentrando-se, sobretudo, em eventos e personagens dos séculos finais da Idade Média Ocidental. Ou seja, é uma obra de divulgação em que várias das reflexões anteriores do autor são retomadas, com o uso de uma linguagem didática, para apresentar uma visão geral sobre o período medieval.

Uma longa Idade Média foi lançada na França em 2006, pela Tallandier, com o título *Un long Moyen Âge*, e publicada pela Civilização Brasileira em 2008. O livro reúne artigos elaborados por Le Goff e divulgados na revista *L'Histoire* entre os anos de 1980 a 2004. Segundo o próprio autor, tais materiais expressam suas principais pesquisas e reflexões sobre a Idade Média Ocidental, já que condensam, aprofundam e esclarecem aspectos de trabalhos já publicados. Os artigos são agrupados em quatro blocos: “A longa e a bela Idade Média”; “A Idade Média de sombras e luzes”; “O século XIII”, e “O Imaginário”.

A primeira edição de *A Idade Média e o Dinheiro* data de 2010. Lançado inicialmente na Itália, foi publicado no Brasil em 2014, pela editora Civilização Brasileira. Nesta obra, Le Goff retoma, em quinze capítulos, temas familiares em perspectiva igualmente privilegiada pelo autor, ao tratar do período medieval. Assim, com ênfase nos séculos XII-XV, dedica aos séculos anteriores a este recorte dois capítulos introdutórios. Tendo como referência o reconhecimento de que o dinheiro é uma construção da modernidade, o autor busca “estudar o lugar do dinheiro na Idade Média” (p.11). O estudo, classificado pelo próprio Le Goff, como ensaio, explora a

relação da temática central com o crescimento urbano, o poder real, a Igreja, as ordens medicantes, dentre outros.

Também de 2014, *Em busca do tempo sagrado. Tiago de Varazze e a Lenda Dourada* foi lançado aqui pela Civilização Brasileira. Originariamente intitulado como *A la recherche du temps sacré*, foi publicado pela editora Perrin em 2011. Este foi um dos últimos trabalhos autorais de Le Goff. Nesta obra, dividida em nove capítulos, além da introdução e conclusão, o autor traça reflexões sobre o dominicano Tiago de Varazze e os autores que o inspiraram na elaboração do mais famoso legendário medieval, a *Legenda Áurea*, denominada no título em português como *Lenda Dourada*. Seu foco é o tempo, em três distintas dimensões: o litúrgico, o santoral e o escatológico.

Data de 2012 a obra *Homens e Mulheres na Idade Média*, dirigida por Jacques Le Goff e lançada no Brasil em 2013. Tendo como referência, a cronologia, o responsável pela obra reúne mais de quarenta autores, que dedicam algumas poucas páginas, cada um deles, às “grandes personagens” do século IV ao XV. Le Goff esclarece no início da obra que, a despeito da proposta, busca pensar tais figuras “na qualidade de reveladores de seu tempo e heróis da memória histórica” (p. 9), ou seja, em consonância com o movimento dos *Annales*. O material é, sem dúvida, importante instrumento de consulta. Nele, podemos encontrar não apenas os homens e mulheres destacados nos pequenos verbetes, dentre os quais reservou-se, inclusive, espaço a uma dezena de personagens imaginários, mas também pelas belas iconografias, pela útil cronologia, bibliografia e mapas que contêm.

Como já afirmado no texto de 2010, as editoras brasileiras só iniciaram a tradução sistemática das obras de Le Goff a partir de fins dos anos 1980, fenômeno que continua em curso, após a morte do medievalista. Algumas dessas publicações tiveram como alvo obras recém lançadas, mas também textos mais antigos.¹⁴

Se, conforme as evidências, as obras de Le Goff continuam a ser traduzidas e publicadas, chegando, em alguns casos, a ser reeditada, é porque há um público ávido por tais títulos. Em nossa análise anterior, explicamos tal fenômeno com a expansão e consolidação dos estudos medievais no país em diversas áreas, como História, Letras, Artes, etc., e o fato de o autor passar a ser conhecido pelos não especialistas, o que é

constatado pela publicação, em periódicos nacionais de grande circulação, de resenhas de seus livros¹⁵ e de artigos de opinião do próprio autor.¹⁶

Quase seis anos após nossas primeiras reflexões, queremos apontar mais possibilidades de compreensão do fenômeno. A expansão do ensino superior no Brasil, ainda que tímido nos últimos anos, pode explicar o aumento da demanda por livros do medievalista. Contudo, assinalamos ainda outra hipótese explicativa. Com o crescimento do acesso às diversas produções culturais que se inspiram no medievo, seja recriando ou construindo um universo imaginário sobre este período, como filmes, séries para TV, jogos, etc., acessados por meio da internet ou de emissoras de TV a cabo, cresceu, entre o grande público, mormente os jovens, um interesse sobre a Idade Média.

Ou seja, como em outros países, no Brasil, a obra de Le Goff alcança dois públicos principais: o vinculado à academia e o fascinado pelo medievo. Tais públicos implicam em leituras diversas de tais materiais, mas que concorrem para a revisão das concepções tradicionais sobre a Idade Média como época das trevas.

3. As categorias analíticas, os temas, as fontes utilizadas por Jacques Le Goff e sua influência no Pem:

Como um dos membros da terceira geração dos *Annales*, também denominada como Nova História, Le Goff manteve em sua produção a tradição *annalista*. Nesse sentido, verificamos em seus trabalhos a noção de fato histórico como algo a ser construído pelo historiador; da “História problema”; a defesa da longa duração; a abordagem de novos objetos; a aproximação da História a outras ciências, em particular a Antropologia e a Sociologia, e uma ampla visão de documento.

O espaço privilegiado por Le Goff em seus estudos foi o da Europa Ocidental Cristã, pois não se ateu na análise das áreas da Europa Ocidental ocupadas pelos muçulmanos. Nesta área geográfica e cultural, concedeu destaque para as atuais França e Itália. Quanto ao recorte temporal, deteve-se, sobretudo, na reflexão sobre o período que vai dos séculos XI ao XV, com especial atenção ao XIII.

Centrado nesse recorte espaço-temporal, o autor se ocupou do estudo de diversos objetos. Destacamos os mais recorrentes, sobretudo nas obras publicadas no Brasil: a biografia histórica; a formação da Europa; as diversas dimensões das cidades, sua organização espacial e econômica, sua produção cultural e seus habitantes, salientando os mercadores, banqueiros, mendicantes e intelectuais; o corpo, em especial as concepções medievais sobre o corpo e a sua relação com a alma e a sexualidade; a geografia do “Além” e as crenças em Deus e na Trindade; o culto mariano; a realeza; os conflitos religiosos e a intolerância; as percepções dos medievais sobre o tempo e o imaginário medieval, com realce para os elementos simbólicos e para o que denomina como maravilhoso, “os fenômenos estranhos, raros... entre o milagroso e o mágico” (LE GOFF, 2008b, p. 21).

Ainda que a escolha de seus objetos aponte para uma especial atenção aos aspectos culturais, em particular os elementos simbólicos e o imaginário, buscou manter-se vinculado a uma História total, realizando também reflexões sobre os aspectos sociais e econômicos.

No desenvolvimento de suas pesquisas, Le Goff, fiel à tradição da Escola dos *Annales*, utilizou um volumoso e variado *corpus* documental. Ele analisou diferentes textos literários, como sermões, epístolas, atas de concílios e sínodos, ordenações reais, regras religiosas, textos hagiográficos, crônicas, manuais de confessores, tratados teológicos, filosóficos, matemáticos e médicos, *exempla*, poemas, canções, romances, contos, estatutos urbanos, contratos, documentos bancários, textos jurídicos, relatos de viagens, manuais de comércio, textos apócrifos do Antigo e Novo Testamento; imagens, tais como iluminuras, quadros, esculturas; monumentos arquitetônicos, e material arqueológico.

Le Goff também formulou proposições teóricas sobre os documentos. No seu texto magistral Documento/Monumento, que ainda é considerado um material referencial, realiza uma reflexão sobre a História do uso dos documentos pelos historiadores e discute a transformação de um objeto de monumento para documento.

Ainda no campo das preocupações teórico-metodológicas, há que sublinhar uma das suas contribuições originais, a História das mentalidades, definida como o estudo do

que era coletivamente compartilhado pelos homens, independentemente de suas posições sociais: “o que César e o último soldado das suas legiões (...) têm em comum” (LE GOFF, 2008b, p. 71).

Le Goff reconheceu o caráter vago e, por extensão, a difícil aplicação da História das mentalidades que deve, segundo o autor, pautar-se em uma postura interdisciplinar de modo a garantir uma estreita relação, dentre outras disciplinas, com a etnologia, a psicologia, a filologia e a antropologia.

Por fim, sublinhamos o comprometimento de Jacques Le Goff com a divulgação científica. Durante toda a sua trajetória, ao lado das atividades de pesquisa e ensino, participou de eventos que, aplicando um termo nacional, podem ser classificadas como extensionistas. Publicou textos voltados para diferentes públicos, participou de projetos audiovisuais e manteve por décadas um programa de rádio. Além disso, dialogou constantemente com o presente, elaborando textos de opinião, alguns dos quais citados no Brasil, como vimos anteriormente.¹⁷

Como a produção e trajetória de Jacques Le Goff se fazem presentes no âmbito do Pem?

São objetivos do Pem estimular o intercâmbio do grupo com medievalistas nacionais e estrangeiros; formar novos pesquisadores; promover discussões acadêmicas relativas ao mundo medieval; identificar, preservar e divulgar acervos de materiais relativos à Idade Média localizados na cidade do Rio de Janeiro ou no espaço virtual; produzir materiais de divulgação científica e didáticos, e organizar atividades acadêmicas e de extensão universitária, levando, à comunidade em geral, informações sobre a Idade Média. Deste modo, o Pem desenvolve de forma contínua, atividades de ensino, pesquisa e extensão. Podemos identificar a influência de Le Goff em cada uma dessas frentes.

Em primeiro lugar, destacamos o papel ocupado por Le Goff nas atividades de ensino. Nas disciplinas obrigatórias oferecidas pelos professores vinculados ao Pem, a perspectiva annalista do medievo, em particular a sistematizada por Le Goff em diversos manuais, é a adotada. Buscando-se abordar os diversos aspectos que compõe a organização social, procuramos, no decorrer dos cursos, abordar o medievo em uma

perspectiva total. Nas disciplinas obrigatórias, diversas temáticas consideradas pelo autor têm sido exploradas, tais como o corpo, a marginalidade, a biografia, a realeza, os intelectuais, os conflitos religiosos, etc., bem como é enfatizada a leitura crítica de documentos. Evidentemente que tal panorama não pode ser explicado apenas pela influência da obra de Le Goff, mas reconhecer sua inegável participação no processo é um dever.

Na frente pesquisa, como Le Goff, os membros do Pem, sem abandonar as reflexões sobre a sociedade e a economia, têm privilegiado o estudo dos aspectos culturais. Nossas preocupações possuem como recorte temporal os grandes períodos: séculos IV ao VIII e do XI ao XIII. Mas além de reflexões sobre a atual Itália, também privilegamos a Península Ibérica, pouco estudada pelo medievalista francês.

Muitas das temáticas pesquisadas e em pesquisa, seja pelos professores, pesquisadores associados ou alunos em diferentes níveis de formação, foram diretamente influenciadas por Le Goff, tais como a cristianização, a santidade, os milagres, os marginais e excluídos, as heresias, o corpo, a sexualidade, os seres espirituais, o tempo, o calendário etc. Para o estudo destas temáticas, diversos tipos de documentos textuais medievais têm sido analisados, tais como vidas de santos, textos litúrgicos, tratados de milagres, textos mariológicos, regras religiosas, sermões, cartas, testamentos, crônicas, atas conciliares, processos de canonização, bulas papais, bíblias romanceadas, documentos notariais e códigos de leis. O Pem não desenvolveu, até o momento, estudos sistematizados com imagens,¹⁸ mas busca, sempre que possível, estabelecer trocas com os campos da arqueologia e a antropologia.¹⁹

Assim como Le Goff, dedicamo-nos a dialogar com o grande público. Tais iniciativas estão relacionadas ao desenvolvimento do projeto “Idade Média: divulgação científica”, que possui dois grandes eixos em permanente diálogo: um que se volta para a universidade e outro direcionado à sociedade. Buscamos, assim, concomitantemente, formar pesquisadores dedicados ao medievo, que estejam atentos à realidade brasileira e que sejam capazes de dialogar com ela, e a organização de atividades voltadas para o grande público que favoreça a problematização da realidade, mas sem perder de vista a conexão com o passado. Para tanto, promovemos e oferecemos gratuitamente aos interessados cursos, ciclos de debates e palestras, buscando apresentar e socializar o

conhecimento produzido na academia de forma criativa, crítica e com a interação dos participantes e produzimos livros com esse mesmo fim.

Tais atividades visam, dentre outros objetivos, auxiliar na desconstrução das visões preconceituosas sobre o medievo, ainda presentes em nossa sociedade, discutindo os porquês das leituras e formulações atuais sobre o medievo pela sociedade contemporânea; tornar acessível o rico e diversificado patrimônio cultural medieval, e propor um diálogo entre o presente e o passado, a partir de reflexões comparativas. No desenvolvimento do projeto, as obras e os temas estudados por Le Goff são um referencial fundamental.

Considerações finais

Jacques Le Goff continua a ser, mesmo após a sua morte, uma referência chave para historiadores brasileiros em geral; para os medievalistas que atuam nas diversas áreas do conhecimento e para todos aqueles interessados em conhecer mais sobre a Europa medieval. Suas obras, publicadas em nosso país desde a década de 1970, têm cada vez mais espaço no mundo editorial brasileiro, o que aponta para o crescimento do público que deseja conhecer mais acerca da Idade Média.

Sua produção historiográfica, estreitamente associada ao movimento dos *Annales*, foi influenciada pelas concepções de longa duração, História problema, História total, documento/monumento, etc.. Mas o autor também se inspirou em proposições de pensadores não vinculados à Nova História. Assim, em seus trabalhos encontramos uma atenção especial à antropologia histórica, aos fenômenos mentais e à biografia. Também influenciaram a sua produção os acontecimentos que marcaram a Europa desde a década de 1240 e suas conexões intelectuais na Itália, Inglaterra e Polônia, além da própria França.

A trajetória de Le Goff possui muitas faces para além da pesquisa histórica: envolveu-se com a docência, os trabalhos administrativos, a militância política,²⁰ ocupou cargos no governo francês, foi responsável por um programa de rádio,

desenvolveu atividades editoriais, etc. Como é possível verificar pela listagem de suas publicações e atividades, manteve-se ativo e produtivo até a sua morte, aos 90 anos.

Seu trabalho nos campos da pesquisa, ensino, administração e divulgação científica o tornou não só uma referência imprescindível para os medievalistas, mas também o caracterizou como um intelectual atento ao presente e comprometido com o diálogo com a sociedade em geral. Desta forma, para nós é motivo de orgulho identificar a trajetória e a obra de Jacques Le Goff como um dos parâmetros relevantes para o que se produz no âmbito do Pem.

Bibliografia:

- LE GOFF, Jacques. Francisco de Assis entre as inovações e a morosidade do Mundo Feudal. **Concilium**, n. 169, p. 5-15, 1981.
- _____. Mentalidades: uma história ambígua. In: ____ e NORA, P. (Dir.) **História: novos objetos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 68-83.
- _____. **Os Intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **Mercadores e banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins fontes, 1992.
- _____. **O Apogeu da Cidade Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. Prefácio. In: BLOCH, M. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 09-37.
- _____. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.
- _____. **Por Amor das Cidades**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- _____. **Uma vida para a história: conversações com Marc Heurgon**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.
- _____. **São Luis. Biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- _____. As Raízes Medievais da Intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (Org.). **A intolerância**. Foro Internacional sobre a Intolerância. Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 38-41.
- _____. O riso na Idade Média. In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (Org.). **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 65-82.
- _____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. & SCHMITT, Jean-Claude (Dir.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru- SP: Edusc, 2002. 2 v.
- _____. A Idade Média: e a carne se torna pecado. In: SIMONNET, Dominique et al. **A mais bela História do Amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no século XXI**. Rio de Janeiro: Difel, 2003. p. 55-69.
- _____. Os Limbos. **Signum**, São Paulo, n. 5, p. 257-289, 2003.
- _____. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. **A civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.
- _____. O valor da paz no Ocidente medieval. In: WIESEL, Elie (Org.). **Imaginar a paz**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 51-56.
- _____. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **A Idade Média explicada aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- _____. **O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **Uma breve história da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. **Para Uma Outra Idade Média**. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. (Dir.) **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.
- _____. **Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda Dourada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, SILVA, Leila Rodrigues da. Jacques Le Goff. In: LOPES, Marcos Antônio Lopes; MUNHOZ, Sidnei J. (Orgs). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 135-152.

¹ O Programa de Estudos Medievais (Pem) é um grupo de pesquisa, criado em 1991, pela iniciativa das professoras doutoras Maria Sonsoles Guerras Martin, historiadora, e Maria Elisabeth Graça de Vasconcelos, especialista em literatura medieval. Em fins da década de noventa, com a ampliação do interesse pelos estudos medievais e maior demanda de pesquisas na área, o grupo foi reestruturado. Desde então assumimos a coordenação, com grande ênfase no tripé ensino, pesquisa e extensão.

² Listagens das publicações e demais produções de Jacques Le Goff encontram-se disponíveis em <<http://gahom.ehess.fr/index.php?1018>> e <http://www.bnf.fr/documents/biblio_legoff.pdf>. Acesso em 03/08/2015.

³ Algumas destas entrevistas foram publicadas em periódicos nacionais, como no volume 4, número 8, da *Estudos Históricos*; no volume 5 da *Signum. Revista da ABREM*; na *Revista Vivercidades*, São Paulo, 08/04/2005, Disponível em <http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/cidades_medievais.html> e IHU On-Line, São Leopoldo, disponível em <<http://economiasociedade.blogspot.com.br/2009/03/entrevista-jacques-le-goff.html>>. Outras entrevistas podem ser encontradas em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529915-as-conviccoes-europeias-do-historiador-jacques-le-goff>>; <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530948-os-dois-franciscos-a-ultima-entrevista-de-jacques-le-goff>>; <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/529912-carlos-magno-nao-e-o-pai-da-europa-entrevista-com-jacques-le-goff>>. Último acesso de todos os links em 19/08/2015.

⁴ Como o próprio Le Goff informa, Henri Michel foi membro da Resistência e depois um especialista em história da Segunda Guerra Mundial (1998b, p. 37).

⁵ Fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch, a revista está associada à origem da *Escola dos Annales*, e representa, sem dúvida, um marco importante para a renovação dos estudos históricos contemporâneos.

⁶ Lucien Febvre e Fernand Braudel permaneceram na presidência por mais de um mandato. Cf. LE GOFF, 1998b, p. 175.

⁷ Alguns desses materiais estão disponíveis no Youtube.

⁸ MIGUEL QUEIRÓS, Luís e SALEMA, Isabel. Morreu Jacques Le Goff, o historiador que nos explicou a invenção do Purgatório. Disponível em <<http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/morreu-o-historiador-jacques-le-goff-1630555>>. Acesso em 03/08/2015.

⁹ Marc Heurgon, historiador, falecido em 2001, aos setenta e quatro anos, foi reconhecido como político e importante intelectual de esquerda.

¹⁰ Le Goff trabalhou com os dirigentes e executivos da *Régie Autonome des Transports Parisiens*, presidiu uma comissão governamental sobre o ensino de História, realizou programas de rádio, atuou no universo editorial, dentre outras atividades e foi consultor histórico do filme *O nome da Rosa*, romance de Umberto Eco adaptado para o cinema.

¹¹ Redator-chefe da revista *L'Express*.

¹² Jean-Luc Pouthier é historiador e redator-chefe da revista *Le Monde de la Bible*.

¹³ Editor e membro do Comitê Executivo do jornal francês *Esprit*.

¹⁴ Em alguns casos, como apresentado no subitem anterior, houve um intervalo superior a quarenta anos entre a edição original e o lançamento brasileiro.

¹⁵ Como as resenhas elaboradas por Roberto Pompeu de Toledo, sobre a obra *Francisco de Assis*, publicada pela *Veja*, edição 1.701, em 23 de maio de 2001; José Rivair de Macedo, sobre a biografia *São Luís*, publicada no *Caderno de cultura* do periódico gaúcho *Zero Hora*, em 04 de setembro de 1999; Néri de Barros Almeida sobre o livro *As raízes medievais da Europa*, publicada na *Revista História Viva*, edição 42, de abril de 2007; Gilbert G. Pereira, por ocasião do lançamento da sexta edição de *História e Memória*, na Tribuna do Planalto em 14 de julho de 2012, e Antonio Gonçalves Filho, sobre os livros *A Idade Média e o Dinheiro* e *Homens e Mulheres da Idade Média*, no jornal O Estado de São Paulo, em 28 de março de 2014.

¹⁶ Como os textos: “Qual o impacto dos atentados sobre o processo de globalização? Vamos construir a globalização que nos convém”, publicado na revista *Veja*, Edição 1.733, em 9 de janeiro de 2002; “As

raízes Medievais”, publicado no *Caderno de Idéias do JB* em 26 de agosto de 2000; “A velha dinâmica do Novo Mundo”, publicado no *Caderno Mais!* da *Folha de S. Paulo* em 02 de maio de 2004, e “A França tem coração e cabeça de direita”, afirma Jacques Le Goff, notícia veiculada no site do Instituto Humanitas Unisinos em 7 de maio de 2007. Nos últimos anos, em formato de entrevista, foram publicadas entrevistas nas quais o autor aborda a renúncia de Bento XVI e a postura do Papa Francisco I. Cf. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/517640-bento-xvi-abdica-como-um-rei-uma-revolucao-aquele-trono-vazio-entrevista-com-jacques-le-goff>>, publicada em 15 de fevereiro de 2013, e <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524415-o-papa-quer-mudar-a-igreja-como-sao-francisco-entrevista-com-jacques-le-goff>>, em 7 de outubro de 2013. Último acesso de todos os links em 19/08/2015.

¹⁷ Conferir nota 16.

¹⁸ No momento, um doutorando busca fazer uma comparação entre imagens e texto de um dos códices das Cantigas de Santa Maria.

¹⁹ Uma listagem dos trabalhos de conclusão desenvolvidos no âmbito do pem, a listagem das publicações dos coordenadores e textos completos podem ser acessados por meio do link www.pem.historia.ufrj.br.

²⁰ Entre as suas atividades políticas mais relevantes, destaca-se o fato de que foi membro da resistência junto a S.F.I.O. *Séction Française de l'Internationale Ouvrière* e militante do Partido Socialista Unificado (PSU) francês.